

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.

Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

Concluiu-se na camara dos deputados a segunda discussão da lei, que tende a promover a colonisação. Em geral esta questao foi tratada sem que nella entrasse espirito de partido; dizemos em geral, por que deputados houve, que comlateralam o projecto a torto e a direito, o que só podiam fazer por espirito de opposição; e com effeito da opposição eram e são os que assim procediam. Ora, é na realidade loucura combater um projecto só por fazer opposição, quando se sabe, que o ministerio, a quem se faz opposição não é aquelle, que tem de executar a lei. Por ventura não sabemos todos qual é a sorte de todos os ministerios em paizes, onde os principios constitucionaes em grande parte ainda estão em embrião, como entre nós acontece? A lei de colonisação não será executada em dez, nem em quinze, nem em vinte annos: quantos ministerios pois terão de com ella se occupar? Pouvera a Deos que um ministerio houvesse, que levasse a effeito de principio a cabo essa lei: fossem quem fossem os individuos, que o compozessem: seria uma ventura tal, que nem a supponmos possível, quanto mais presumivel! Mas se um, dous, quatro, oito, e talvez mais ministerios tem de occupar-se com a execução dessa lei, como alguém lhe faz opposição só por espirito opposicionista? Sabemos nós que individuos formarão esse ministerio? Não poderao entrar nelles alguns desses mesmos, que hoje estão na opposição?

Mas em fim apezar desses clamores a lei passou e desgraça é que não seja possível este anno fazel-a passar por todos os tramites, a fim de ter quanto antes execução. O fim principal da lei é promover como temos dito, a colonisação; e ninguem ha no Brasil, que não conheça que é esta uma de nossas primeiras necessidades. Quanto aos meios que a lei emprega, para se obter este desideratum, e o resultado, que espera, supponmos que só pessoas muito prevenidas é que não acharao vantajosa. Nossas terras hoje não tem valor, por que estão abandonadas como *res nullius primi sapientis*: o resul-

tado é que cada qual se vai apropriando de uma porção, que as mais das vezes não pôde cultivar, e outro resultado é, que olhando só para o presente, e de modo nenhum para o futuro, vão formar estabelecimentos, onde o tempo ainda exige que se não formem. Taes estabelecimentos pois, em breve são ruinas; e seus fundadores mendigos, ou malfeitores.

Pelo novo sistema pois, devem as terras vender-se; e por tanto o governo só venderá onde melhor convier. O producto desta venda deve ser empregado em fazer mais valiosas as terras, por que será empregado em mandar vir colonos; e o maior numero de braços augmenta o valor das terras ao mesmo tempo, que diminue o dos jornaes. Estes colonos serão de summa vantagem, por que não podendo cultivar por sua conta, necessariamente hão de cultivar por conta alheia. E assim nossos lavradores terão braços para a sua lavoura; e assim não haverá esses pequenos estabelecimentos definhados, que em pouco tempo desaparecem; e cada qual desses colonos quando chegarem a poder ser proprietarios, já saberão os usos do paiz nas sementeiras; e não irão por consequencia fazer experiencias, que lhes sahem sempre custosas.

E para que o projecto não seja uma burla, não é só com o dinheiro da venda das terras, que se mandarão vir colonos; mas estabelece-se uma pequena contribuição, que tambem deve servir para o mesmo fim; pequena se entende, em relação ao contribuinte, mas cujo producto deve montar a alguns contos de réis. E se esta contribuição nunca fôr distrahida de seus fins, como esperamos, será aquella que será verdadeiramente productiva: o proprietario prestará uma pequena quantia annual para ver suas terras subirem de preço, por que haverá multidão de compradores, e todos sabem que as cousas sobem de preço quando mais procuradas. Para o mesmo fim devem ser applicadas as multas, que o governo é autorisado a impor.

Para apreciarmos em muito o projecto a que nos referimos, estas simples considerações bastam. Não é elle tão simples, por que vem acompanhado das



providencias precisas para que possa ser levado a effeito, providencias que certamente custaram muitos dias de trabalho; e seu autor quem quer que é, pôde gabar-se de ter feito um dos projectos mais completos, talvez o mais bem acabado, que tem sido presente ao corpo legislativo. Infelizmente porém não o teremos ainda como lei. Mas a attenção publica está despertada; e quaesquer que sejam as transformações por que tenha de passar o gabinete, nenhum ministerio ahi virá, que seja capaz de ou- sar dar de mão a essa obra, que bem se pôde chamar de regeneração e futuro.

OS DISCURSOS NAS CAMARAS.

Uma das cousas mais admiraveis, que se notam nesta nossa ordem de cousas é a facilidade com que certos individuos accommodam tudo em toda a parte: entendem que ha certos themas, que nunca devem ser abandonados, e por isso a cada momento eil-os maçando-nos os ouvidos. Que importa, que já por muito sabidos nos infastiem? Parece que são pagos para isso, e cumprem bem a sua obrigação. Ora; por exemplo, trata-se na camara dos deputados do projecto de colonisação e divisão de terras; pois ahi achou o Sr. Urbano meios de acarretar as nomeações das autoridades judicarias e as suas remoções; ahi fallou de eleições, e de não sabermos mais que, que tanto fallou esse deputado, que por tanto fallar, não tomamos sentido no que elle disse. Mas asseguramos ao publico, que nada perdemos, e por consequencia nada perdemos nossos leitores, em que lhes não digamos sobre que orou o Sr. Urbano; mas que orou é verdade.

O mesmo que aconteceu na camara dos deputados com o Sr. Urbano, aconteceu no senado com o Sr. Paula e Sousa. Tratava-se de discutir um projecto creando uma universidade; pois o nobre senador achou meios de lá encaixar o projecto de colonisação e divisão de terras em discussão na outra camara. Haverá alguém que possa achar relação entre colonisação e remoção de magistrados, e entre universidade e divisão de terras? Lembra-nos que nos diziam lá nos nossos tempos, que a ode, sobre tudo a pindarica devia respirar uma certa desordem, uma como que falta de nexo entre todas as suas partes: se é verdade isso que nos ensinaram, cuidamos que esses Srs. nas camaras fazem odes pindaricas. São odes em prosa; mas por ventura não ha poesia em prosa? Cá para nós é isso um pouco paradoxal; mas em fim ha muito quem o diga, e não faltam dissertações a respeito. Por tanto assentemos nisto: o Sr. Urbano, o Sr. Paula e Sousa, e outros que taes e quejandos improvisam nas camaras, a que pertencem odes pindaricas em prosa; das camaras fazem oiteiros.

Mas levamos o caso de risota, e elle é aliás muito serio. Duas cousas fazem aquelles de nossos legisladores, que assim procedem, uma das quaes conseguem, e outra que fica em tentativa: a primeira

é gastar tempo, que muito melhor podia ser aproveitado; e a segunda é que pretendem desacreditar o poder; mas felizmente o não conseguem, pelo contrario antes lhe são favoraveis, por que os que ouvem e lêem seus discursos, vendo aquelle acompanhamento obrigado, e nunca nada de novo, acabam por convencer-se da verdade, isto é, por convencer-se de que não ha accusações serias, que se façam aos ministros.

O que lucra com tal proceder a opposição? que damno faz ao ministerio? que resultado vantajoso tira dahi o paiz? Essas accusações vagas e banaes a ninguem persuadem; só servem quando muito para mais arredar os animos; por que aquelles que são oppostos ao ministerio só por antipathia, esses acham alimento para nutrir seu ressentimento; os que se guiam pela razão e pela justiça, esses desprezam similhantes vozes, e maldizem aquelles, que assim esperdiçam tempo, que melhor devem aproveitar. Daqui resulta que os animos se azedam, a conciliação que tanto é para desejar entre todos os Brasileiros, cada vez se difficulta mais. O ministerio faz quanto pôde para chegar a esse importantissimo resultado; de modo que até por muitas vezes tem sido accusado de desprezar os seus alliados para favorecer os seus inimigos; e já o ministerio passado procedeu do mesmo modo e soffreu as mesmas accusações; mas o ministerio actual como o transacto encontra uma barreira de ferro, que lhe impede levar a fim os seus desejos. Meia duzia de homens assentaram, que deviam conservar o Brasil em luta constante! Quando parece que vai a levar fim de um lado, renasce do outro! Não merece por certo benções quem assim procede.

A guerra, que ahi se estão fazendo dous estados nossos visinhos, Cisplatino e Argentino, com quanto tenha sido já objecto de muitas publicações da nossa imprensa, todavia parece-nos, que ainda não foi devidamente apreciado.

Quaes são as causas desta guerra? O que exige Rozas de Fructo? Eis ahi o que ainda até hoje verdadeiramente não podemos saber, a não ser que exige Rozas, que Fructo não occupe mais a presidencia do estado Cisplatino, e que em vez d'elle seja Oribe. Rozas não faz reclamações algumas ao estado Oriental; faz-lhe a guerra, mas não diz por que; nem se quer territorio, sobre que haja contestação, nem se quer dinheiro com indemnisação de perdas; nem se quer satisfações como reparação da dignidade argentina offendida. Nada disse: Rozas declara guerra ao estado Oriental, faz poderosos armamentos, e invade esse estado. Mas não só isto: põe como general de seu exercito um cidadão Cisplatino, que havia sido presidente da republica, e que deixára de o ser por um movimento della. Esse general, esse ex-presidente declara mui francamente, que faz a guerra para reaver o posto, que não soube ou não pôde conservar!

Estes factos são singulares na historia. Que Oribe estivesse em Buenos-Ayres espreitando occasião ; que de lá entretivesse quantas correspondencias quizesse , bem : é isso muito ordinario ; mas que se ponha á frente do exercito estrangeiro , e venha com sua presença animar os seus amigos , e combater contra o governo do seu paiz , é isso fóra da ordem.

Combinemos agora estes factos com outros. Rozas tem mostrado evidentissimamente que em seu entender fazem parte da confederação argentinna todas as antigas provincias do vice-reinado de Buenos-Ayres. Ora, Montevideo era uma dellas. Rozas tem dado sobejas provas de que quer perpetuar em si a dictadura , que exerce.

A independencia do estado Oriental foi reconhecida pelo governo argentino ; mas perguntamos ; esse governo julgar-se-ha obrigado por esse tratado em toda e qualquer hypothese ? Se Oribe triumphar , e depois for fazer acto de adhesão á federação argentinna , o governo d'esse estado não julgará que essa hypothese foi omissa no tratado ? E mesmo não argumentará que a independencia do estado Cisplatino fica subsistindo , pois que não fica de todo destruida fazendo parte da confederação ? E qual será o resultado ?

Sim , qual será o resultado para o Brasil ? O que fará o seu governo ? Nós supponmos a hypothese de que a união seja feita pelo governo oriental ; e neste caso poderemos envolver-nos nessa questão ? Mas temos o tratado. E' verdade ; temos o tratado ; mas o tratado não vai ao campo decidir questões ; tambem tinhamos o tratado com a Inglaterra , que findava em 1842 , e ainda hoje estamos sujeitos ás suas disposições.

E se o estado Cisplatino se considerar como um membro da confederação Argentina , qual será o resultado para o Brasil ? Sim , qual será o resultado ? Nossa fronteira com o estado Cisplatino é uma vastissima campina , com mais talvez de trezentas leguas de extensão , por onde póde entrar cavallaria , infantaria , e artilheria a toda a hora , e em todo o numero. Que triste posição ! guarneceremos essa immensa fronteira ? fortifical-a-hemos com praças de guerra ? Conservar-nos-hemos sujeitos á primeira invasão , que nos quizerem fazer nossos vizinhos ?

O negocio é digno de seria meditação , e serias providencias. O antigo vice-reinado de Buenos-Ayres é um estado muito importante , para que possa ahi viver desapercibido á nossas portas ; carecemos ou de uma fronteira natural , ou de caução bastante que nos segure para o futuro. A independencia do estado Cisplatino está muito e muito ameaçada. E se esse estado desaparecer , nosso risco é eminente. Fructo não tem sido amigo do Imperio , mas Oribe tambem o não é : e desgraçadamente já o experimentamos.

Houve um tempo , em que aqui na cõrte e no Rio Grande se fallou muito em unir a Cisplatina ao

Brasil (foi em 1834). Em Buenos-Ayres sabe-se disso perfeitissimamente. Talvez que esses estouvados desejos nos custem bem caros.

O CODIGO DO COMMERCIO.

Uma das necessidades mais urgentes do Brasil é sem duvida um codigo mercantil. Houve tempo , em que nosso pequeno commercio , e a boa fé , que geralmente reinava nelle podiam melhor dispensal-o , bastando para decidir as differentes questões occorrentes ou as mui poucas leis patrias , que tinhamos , ou as estranhas , que eram chamadas em seu auxilio. Mas hoje as cousas tem mudado muito de figura : nosso commercio é extensissimo ; ha ahi cascas , que trazem em gyro muitos milhões de cruzados ; nossa posição geographica e nossos portos nos affiançam , que seremos sempre uma nação mercantil ; e , o que máo é , infelizmente ha alguns annos tem ahi apparecido quantidade de especuladores , que abusando da boa fé , e por ventura da cobiça de alguns , os tem reduzido elles e suas familias a comerem o pão da miseria , quando antes viviam na abundancia. Quebras espantosas de centenas e centenas de contos se tem ahi amiudado ; e o notavel é que com todos os indicios de má fé , sem que por isso tenha havido um só exemplo por falta de leis proprias.

Em 1834 foi proposto ás camaras um projecto de codigo de commercio : ahi tem jazido nas pastas das commissões até hoje ; mas finalmente depois de nove annos de profundo somno , ahi acordou , e parece que para não ficar inerte e de braços cruzados , podem para reger como lei do estado. O Sr. José Clemente , que foi um de seus principaes collaboradores , hoje senador , tem feito quanto tem estado da sua parte para com elle dotar o paiz. Só este serviço é bastante para fazer recommendavel ao Brasil o nome do ex-ministro da guerra , que fez debellar as rebellioes de S. Paulo e Minas.

Submetter á analyse de um artigo de periodico , obra tal como um codigo de commercio , seria rematada loucura ; mas é um daquelles casos , em que mais vale ter alguma cousa , do que cousa nenhuma ; mesmo mais vale ter lei má , do que não ter lei ; por que as leis quasi sempre só são más quando não são executadas á risca : e por isso neste artigo nos limitamos a pedir com muita instancia ao corpo legislativo , que assignale esta sessão com esse grande donativo ao Brasil. Haja um recurso para aquelles que vêem aportar ahi a nossas praias meia duzia de aventureiros , e no fim de uns dous annos ficarem devendo 500 e mais contos de réis : haja um recurso contra esses aventureiros : haja um tribunal , que lhe examine seus livros , seus papeis : haja em fim alguma cousa ; por que tudo será melhor , que o estado actual.

A MAIORIA.

O Sr. Urbano asseverou na camara dos deputados , que o actual ministerio não tem maioria. Sa-

bemos que ha diferentes maiorias : mas de todas as que podem ser consideradas para decidir da conservação de um gabinete , essas todas tem os actuaes ministros. O Sr. deputado quiz talvez pintar como hostile ao ministerio a absolvição , que em alguns lugares tem tido os réos das ultimas rebeliões : é máo modo de julgar. Todos sabem como se obtem essas absolvições. E se dali fossemos a formar juizo , diríamos que as sympathias do paiz são pela rebelião , o que não só não acreditamos , mas é acto absolutamente impossivel. E alem disto teríamos tambem que a maioria é em favor dos ladrões e assassinos , por que ladrões e assassinos tem sido absolvidos pelos tribunaes.

O ministerio tem em seu favor todas as maiorias , que podem influir na sua sorte ; e tem muito brio para se conservar uma só hora no poder , logo que chegou a occasião de dever-se retirar.

Os ministros actuaes fazem pesado sacrificio em ser ministros : mas não depende de sua vontade ser ou deixar de ser.

QUE MODESTIA !

O Sr. Lopes Gama declarou no senado , que não quer ser ministro , e invocou em seu abono o testemunho do ministro da justiça. O Sr. Lopes Gama é o homem das declarações. Mas quer ou não quer ser ministro ? O Sr. Honorio , que elle chamou para testemunha o diz que sim : e não podendo fazer mais declarações , por que não tem os predicados do Sr. Lopes Gama , sómente acrescentou , que tanto é verdade isso , que já esse Sr. foi ministro em tempo regencial ; sem que ninguem o obrigasse : ora , não ha razão para suppor , que não queira aceitar uma pasta das mãos de S. M. aquelle , que aceitou das mãos do regente.

O Sr. Lopes Gama quiz , quer , e ha de querer ser ministro. Quem se lançou na opposição por causa de uma grão cruz da Conceição de Portugal , não pôde deixar de querer ser ministro d'estado no Brasil.

As declarações do Sr. Lopes Gama são como as da raposa ás uvas : estão verdes.

O prurido de fallar é proprio da mocidade : um senador devia renunciar a elle. Muitas vezes se falla obrigado : e quando ha aggressão , a defesa é precisa : mas para que futeis aggressões ? O senado lucraria muito se a maior parte de suas votações fossem feitas sem ter precedido uma só palavra. Seria eertamente solemne vêr uma votação cerrada , sem previa discussão ! daria ideia da evidencia da materia.

Se tivessesmos influencia trabalharíamos muito para que muitas vezes isso acontecesse ; por que desejariamos evitar que apparecessem ridicularias improprias de taes pessoas e de tal lugar. Não é indigno dizer um senador , que nem a seu pai respei-

taria ? que ideia de moralidade se pôde fazer do homem , que nem a seu pai havia de respeitar ? Que ideia se pôde fazer do homem , que suppõe valer mais que aquelle , que lhe deu o ser ?

Assim perde-se consideração , não se ganha. So o senado quer tomar o lugar que lhe compete , tenha a sisudez e prudencia propria de quem já fez quarenta annos , embora lá haja algum com pretenções de joven.

PATENTE DE INVENÇÃO.

O *Nacional* começou o extracto de uma obra sobre os acontecimentos de Minas do anno passado , e dizem por ahi que com vistas de pedir patente de invenção para o seu autor. Nunca mais justos motivos houve para isso , e injustissimo seria aquelle que lha negasse.

CORRESPONDENCIA.

Sr. redactor. — Mal parecerá a Vm. que eu pobre camaroteiro de um theatro , que quer dizer o mesmo que abridor de camarotes , me vá meter nas altas politicas ; mas que quer ? é a mania do tempo : as eleições estão proximas , e eu quero ir fazendo para ellas o meu farnel.

Fallavam dentro de um camarote dous figurões em um intervallo ; e como um delles levantasse a voz , eis o que lhe ouvi. — O Lopes Gama tem muita razão : o Honorio (elles assim fallavam , e por isso lá vão com a mesma sem cerimonia) , o Honorio , só para que elle não fosse grão cruz , não quiz fazer grão cruz o duque da Terceira , e isso não é bonito: o Aureliano tinha promettido. E' verdade que ao mesmo Aureliano é que competia fazer essas distribuições , e que elle as nao fez por que encontrou vento pela proa ; mas isso não importa : logo que o Honorio tomou conta , devia propôr novamente o caso ; nada tinha promettido ; o seu antecessor que fizera a promessa , achou resistencia , e disistiu della ; mas outra vez , não importa: em todo o caso o Honorio é quem tem a culpa e não o Aureliano. E por isso bem faz o Lopes , que travou toda a amizade com o Aureliano , e ficou mal com o Honorio. Lembre-se bem que a tal convenção já estava ratificada quando o Aureliano largou ; e que na occasião da ratificação é que tinha logar a grão cruz : logo culpado é o Honorio , e razão tem o Lopes Gama. Ora , aqui para nós , a tal convenção nunca foi convenção ; foi apenas uma conta de sommar e diminuir ; mas quem somma e diminue ganha salario ; e o Lopes Gama devia ganhar a grão cruz.

Não sei , Sr. redactor , o que o outro respondeu , por que fallava muito baixo ; mas assentei logo de metter isto a Vm. no bico , pois de certo é questão de alta transcendencia : é questão , de que depende a salvação do paiz ; e por tanto seja entregue ao dominio do publico para entrar em discussão. Creio ter bem merecido da patria e de Vm. com esta revelação. Sou &c.

O camaroteiro do theatro francez.